

GT22 - Educação Ambiental – Trabalho 1088

CARTOGRAFIA DA IDEIA DE CULTURA: NARRATIVAS E RESISTÊNCIAS DE UMA COMUNIDADE

Fernanda Freitas Rezende - NIPEEA/UFES

Agência Financiadora: CAPES

Resumo

O presente artigo tem como objetivo problematizar a ideia da cultura presente nas narrativas de professores e personagens que compõem uma comunidade *tradicional* do município de Vitória/ES. Os sentidos de cultura debatidos aqui têm inspiração em Felix Guattari e Suely Rolnik (2006) na tentativa de captar o discurso *maquínico capitalístico*, bem como os movimentos de *desterritorialização* e resistência. Toma como caminho de pesquisa a cartografia aliada a escuta atenta às narrativas dos membros dessa comunidade e dos professores de diferentes escolas que atuam nesse território. Para essa problematização, busca-se convergir as narrativas sem a pretensão de criticá-las ou torná-las caricatas mas no sentido de captar o discurso “maquínico capitalístico”, as apropriações da ideia de cultura desses personagens, bem como os processos culturais de resistência. Os *saberes-fazer*s implicados nas narrativas desses personagens revelam intenções, fluxos, desejos, sonhos e movimentos de resistência da comunidade *tradicional*, assim como dos professores que atuam nesse território. Aponta ainda a cultura como um *campo de poder* e revela conexões entre os movimentos de resistência aliados aos processos culturais apontados pela comunidade que promovem *processos de subjetivação singularizantes*.

Palavras-chave: Cultura – Comunidade - Felix Guattari.

Introdução

Felix Guattari (1930-1992) atuou na clínica, na política e na teoria, fazendo uma dupla profícua de amizade e produção com o filósofo francês Gilles Deleuze (1925-1975). Militante, Guattari, nos chama atenção ao iniciar a produção de *Revolução Molecular* (1981) com a seguinte frase: *Militar é agir*. É nesse contexto, que a aposta *éticopolítica* de quem pesquisa e atua na educação pública brasileira se faz e se entrelaça. A militância, o engajamento, a pausa para respiro, o voltar a agir em resistência, em face de tudo que acontece na frágil situação econômica política desse

país, nos coloca frente a frente ao poder da *produção maquínica capitalística* que produz tristeza e o *esmagamento do desejo*. E nessa situação de caos, *policrise*¹ e angústia generalizada, sentimos a necessidade de resistir, de recuperar a força, de participar e acima de tudo de afirmar a pesquisa em educação como *máquina de guerra*² em defesa do direito à educação pública como elemento constituinte de uma sociedade democrática, através das ideias constituídas, sistematizadas e ampliadas pela comunidade escolar. Como cita Druon (1975, p.53): *Uma ideia que se instala na cabeça em breve se torna uma resolução. E uma resolução só nos deixa em paz quando a pomos em prática.*

Problematizar a ideia de cultura presente nas narrativas de professores e de sujeitos que compõem uma comunidade *tradicional*³ do município de Vitória/ES é o objetivo desse artigo. Os sentidos de cultura debatidos aqui têm inspiração em Felix Guattari e Suely Rolnik (2006) na tentativa de captar o discurso *maquínico capitalístico*, bem como os movimentos de *desterritorialização* e resistência.

Para isso, nesse artigo, elenca-se o conceito de cultura como campo de problematização, podendo revelar e intencionar a forma como o capitalismo controla os *fluxos* e os *modos de subjetivação* de artesãos e professores imersos no território da negociação de *saberes-fazer*⁴. Assim, a cartografia aliada à *política da narratividade*, numa escuta atenta, possibilita problematizar o controle da cultura capitalística e aquilo que escapa em processos de singularização, podendo desterritorializar ou não os particularismos do campo da cultura.

¹ Esse conceito demonstra que a crise é generalizada por entre as civilizações do globo e estão presentes em todas as áreas e esferas do saber e domínios da ciência e da vida. Esse conceito se junta a outro conceito, o de agonia planetária, entendido como as crises de diversas espécies junto ao surgimento de problemas novos sem solução.

² Agenciamento linear construído sobre linhas de fuga. Não comporta a guerra como objeto, e sim o agenciamento de desejo que põe em jogo uma máquina.

³ A palavra “tradicional” possui essa grafia entre aspas pois pode indicar uma separação entre conhecimento científico e popular, não sendo essa a aposta deste trabalho. O uso da palavra tradição no decorrer do artigo, faz parte da forma com que os membros dessa comunidade intitulam seu ofício. A ideia de articular *atualização a tradição* é um começo para se pensar na tradição e na contemporaneidade de maneira pressuposta. Era preciso falar da tradição, mas de uma maneira imbricada. Fica claro que existe a necessidade de se pensar esta relação, já que a comunidade traz em seu cerne a valorização do passado onde símbolos e objetos permanecem, pois contém e perpetuam as diversas experiências de gerações. Nada disso está descolado do presente, das formas e adequações necessárias a um tempo-espaco diferente. Afinal, esses grupos renovam seus conhecimentos constantemente em função de novas experiências e afetos.

⁴ Estética de grafia que pertence aos pesquisadores da linha de pesquisa com cotidiano que na tentativa de unir as palavras promovem resistência frente as dicotomias e acabam inventando outras.

Essa é uma das intenções em convergir as narrativas. Não se intenciona a análise em formatos binários e compartimentalizados, muito menos a formulação da verdade.

A cartografia foi produzida em uma comunidade localizada no bairro de Goiabeiras, no município de Vitória no Espírito Santo é conhecida como Paneleiras⁵ de Goiabeiras, por conta da produção de panelas de barro. O ofício de fazer panelas⁶ é uma tradição e, desde 2002, faz parte do Patrimônio Cultural Brasileiro, considerado como um Bem Cultural de Natureza Imaterial. Esse processo manual de fabricação artesanal de cerâmica tem origem indígena e se mantém há várias gerações.

Além do acompanhamento de processos nas “Paneleiras de Goiabeiras”, foram visitadas seis escolas, entre Centros Municipais de Educação Infantil (CMEIs), Escolas Municipais de Ensino Fundamental (EMEF) e Escola Estadual (EE) localizadas em três bairros da cidade de Vitória, a saber: Goiabeiras, Maria Ortiz e Antônio Honório. Grande parte da comunidade *tradicional* das Paneleiras reside principalmente em Goiabeiras, bairro onde se localiza o galpão oficial. Além das escolas, do galpão oficial, também foram visitados dois galpões familiares⁷. As narrativas elencadas aqui dizem respeito tanto aos professores que abordaram ou estavam trabalhando com os processos culturais ligados a essa comunidade em suas aulas, quanto as próprias Paneleiras e artesãos que também estavam nas escolas prestando algum tipo de serviço, bem como as que estavam nos Galpões.

Cultura, sentidos e categorias

O filósofo Kierkegaard me ensinou que cultura é o caminho que o homem percorre para se conhecer. Sócrates fez o seu caminho de cultura e ao fim falou que só sabia que não sabia nada. Não tinha as certezas científicas
Manoel de Barros

Para Guattari e Rolnik (2006), o conceito de cultura é profundamente reacionário, pois separa atividades semióticas em esferas, às quais os homens são submetidos. Sendo isoladas, as atividades acabam padronizadas, instituídas e

⁵ *Paneleira não é com pezinho(p) é Paneleira com P maiúsculo (PANELEIRA do galpão).*

⁶ Esse *saberfazer* apresenta ligação íntima com a natureza, pois a argila é retirada de um antigo leito de rio, no Vale do Mulembá. Do manguezal da região de Goiabeiras é extraído o tanino da casca da *Rhizophora mangle*, popularmente chamado de mangue vermelho. Do tanino se tira uma tintura impermeabilizante com a qual são pintadas as panelas ainda quentes. Em sua extração, apenas metade da casca do tronco é retirada para que a árvore não morra. Essa é uma prática indígena comum.

⁷ Núcleos de Paneleiras que mantém a feitura nos terrenos de suas casas.

capitalizadas para o modo de *semiotização* dominante, separadas de suas realidades políticas.

A compartimentalização proposta pelo *processo maquínico capitalístico* já atuou de modo perverso na separação e pulverização de tantas comunidades e *saberes-fazeres*. Assim, a cultura, entendida como imagem e materialização de um pensamento, ou como um obstáculo onde tabus morais e culturais, costumes e padrões vigentes demarcam e aprisionam territórios, significaria seleção e adestramento como hábitos a serem obedecidos de tal maneira que não existe reação. Fica óbvio que a cultura está imbricada indissolavelmente com as relações de poder, cultura como aprisionamento, mas o que se problematiza é: como subverter a ideia de cultura para uma lógica de processos de criação? Como as escolas que atendem filhos, netos e membros da comunidade *tradicional* problematizam os processos culturais elencados nos currículos oficiais?

Diante de tal problematização, é necessário considerar ainda que a produção dos meios de comunicação de massa, a produção da subjetividade capitalística gera a ideia de uma cultura com vocação universal. Como uma dimensão essencial na confecção da força coletiva de trabalho, e na confecção daquilo que Guattari e Rolnik (2006) chama de força coletiva de controle social. Essa grande fábrica modelizadora, promove uma produção de subjetividade inconsciente, bem como a garantia de uma função hegemônica em todos os campos da vida através de todos os níveis da produção e do consumo.

Eles me disseram que a coleira e um prato de ração
Era tudo o que um cão sempre quis
Eles me trouxeram a ratoeira com um queijo de primeira
Que me, que me pegou pelo nariz
Me deram uma gaiola como casa, amarraram minhas asas
E disseram para eu ser feliz
(Djavan e Gabriel “O pensador”)

Guattari e Rolnik (2006) indicam que a palavra cultura possuiu vários sentidos no decorrer da História e a distingue em três categorias, a saber: o *sentido A* como “cultura-valor” por corresponder a um julgamento de valor que determina quem tem cultura e quem não tem, pertencente a meios cultos ou incultos. O *sentido B* como “cultura-alma coletiva que não carrega o binômio ter ou não ter, ou seja, todos têm cultura. Sinônimo de civilização esse sentido de cultura demonstra que qualquer um pode reivindicar sua identidade cultural. Já o *sentido C*, cultura-mercadoria,

corresponde a cultura de massa. Aqui, cultura são todos os bens sem julgamento de valor, nem mesmo territórios coletivos da cultura (GUATTARI; ROLNIK, 2006).

A *cultura-valor* segundo Guattari vem substituir noções outras segregativas. O que se considera é a qualidade da cultura resultante do trabalho e não mais pessoas de qualidade. *Assim se designa o que diferentes níveis culturais em sistemas vetoriais de valor como o que se define por cultura clássica, científica ou artística* (GUATTARI; ROLNIK, 2006, p. 24).

Não existe, a meu ver, cultura popular e cultura erudita. Há uma cultura capitalística que permeia todos os campos de expressão semiótica. É isso que tento dizer ao evocar os três núcleos semânticos do termo cultura. Não há coisa mais horripilante do que fazer a apologia da cultura popular, ou da cultura proletária, ou sabe-se lá o que do gênero (GUATTARI; ROLNIK, 2006, p.30).

Os três núcleos mencionados na citação acima e analisados nos parágrafos anteriores, na citação acima, funcionam também através de um modo de controle de subjetivação, chamado por Guattari de *cultura equivalência* ou de *sistemas de equivalência na esfera da cultura*. Assim, o capital funciona de modo complementar à cultura enquanto conceito de equivalência: o capital se ocupa da sujeição econômica, e a cultura, da sujeição subjetiva, ou seja, da *tomada de poder da subjetividade*.

Alia-se a esse entendimento o nível de incompetência e corrupção das elites no poder, já que os agenciamentos de poder capitalístico promovem resultados que conduzem milhões a fome, ao desespero, a um modo de vida impossível, mesmo com todos os progressos tecnológicos e capacidades produtivas que estão em desenvolvimento nas revoluções tecnológicas atuais. Guattari, já na década de 1970, destaca que jamais o trabalho humano ou o habitat voltarão a ser o que eram há poucas décadas, depois das revoluções informáticas, robóticas depois do desenvolvimento do gênio genético e depois da mundialização do conjunto de mercados. *Mais do que nunca a natureza não pode ser separada da cultura e precisamos aprender a pensar transversalmente as interações entre ecossistemas, mecanofera e Universos de referenciais sociais e individuais* (GUATTARI, 1981, p. 25).

Falamos de uma comunidade que tem sua rotina regulada pela tradição. E nessa perpetuação encontra possibilidades de conseguir forças e sobreviver frente ao processo de globalização. Alguns laços sociais se rompem e se restabelecem mediante conflitos e lutas, ora com o poder público, ora na própria comunidade. E com as Paneleiras de Goiabeiras não é diferente, dada sua representatividade do ofício em nível internacional, pelas relações que estabelecem com a mídia, pesquisadores e governo. As escolas

também não escapam a esse mesmo quadro controlador, aliás, essa hierarquização de poder, conflitos e controle pelo Estado se capilarizou, dos muros das escolas à gestão compartilhada. Parece uma aposta da produção capitalística de tristeza que escamoteia seu real sentido *e promove um argumento como se a inteligência necessária nesta situação de crise pudesse encarnar algum suposto talento ou saber transcendental* (GUATTARI; ROLNIK, 2006, p. 28). Porém a resistência é real.

Mas como eu posso ser feliz num poleiro?
 Como eu posso ser feliz sem pular ?
 Mas como eu posso ser feliz num viveiro,
 Se ninguém pode ser feliz sem voar?
 (Djavan e Gabriel “O pensador”)

A cultura enquanto esfera autônoma só existe em nível dos mercados de poder, dos mercados econômicos, e não em nível da produção, da criação e do consumo real. A *democratização da cultura* é um ponto que revela tensão, pois promove-se uma falsa democracia da cultura através de sistemas de segregação a partir de uma categoria geral da cultura, de modo completamente subjacente. Como salienta Guattari e Rolnik (2006, p.26)

Nessa perspectiva modernista, os ministros da Cultura e os especialistas dos equipamentos culturais declaram não pretender qualificar socialmente os consumidores dos objetos culturais, mas apenas difundir cultura num determinado campo social, que funcionaria segundo uma lei da liberdade de trocas. No entanto, o que se omite aqui é que o campo social que recebe a cultura não é homogêneo.

Assim, criam binarismos, destituindo a cultura de seu caráter político e social. O que importa é a criação de mercado consumidor para a cultura. Mas as implicações dessa escolha deixam de lado uma série de agenciamentos e processos⁸ que poderiam desmontar particularismos, promover efetivamente uma melhoria da qualidade de vida das pessoas, ampliar o território e o campo cultural ao invés de uma pseudodemocratização da cultura.

Cartografia das narrativas da ideia de cultura

Nós carregamos a cultura do Estado nas nossas costas!
 (Paneleira do galpão)

⁸ A comunidade das Paneleiras de Goiabeiras traz com essa tradição toda uma conjuntura socioambiental como a reserva de barro finita e única no Brasil e a construção de uma estação de esgoto em suas imediações; a exploração das árvores para retirada do tanino de forma rudimentar; as condições socioeconômicas ligadas as regras da aposentadoria que somente reconhecem as artesãs mas excluem os “casqueiros”. Ainda, a entrega do novo galpão que conta apenas com 32 cabines, mesmo que a Associação conte com cerca de 120 associados.

A produção de dados junto as narrativas se respalda na ideia de política da narratividade, entendida como uma posição que se adota em relação ao mundo e a si mesmo, definindo assim uma forma de expressão dos acontecimentos. *O conhecimento que exprimimos acerca de nós mesmos e do mundo não é apenas um problema teórico, mas um problema político* (PASSOS; BARROS, 2010, p.151). As narrativas foram todas gravadas em entrevistas com imagem ou sem com a devida autorização, transcritas e ao final devolvidas em forma de vídeo para as Paneleiras e para as escolas onde a atenção foi mais direcionada.

Acompanhando o pensamento de Guattari sobre a ideia de cultura ser um conceito reacionário, onde o significado de seleção e adestramento como uma atividade genérica visa fornecer hábitos a serem obedecidos e formá-los de tal maneira que não reajam, poderíamos assim entender que a cultura capitalística impõe às Paneleiras uma maneira de viver e um modo de exercer seu ofício. Como elas narram:

É que antigamente a gente queimava as panelas e não usava tinta, só que agora, agora é tradição, é cultura, é tombado, não pode mais mudar, não pode voltar a ser vermelha, só se o cliente chegar aqui e dizer: exijo que essa panela seja vermelha, aí é gosto dele né? (PANELEIRA do galpão).

A cultura está imbricada indissolúvelmente com as relações de poder, onde definem o que é relevante culturalmente para cada grupo. Isso significa uma desnaturalização da cultura, ou seja, falar que a espécie humana é uma espécie cultural sem dizer que a cultura e o próprio processo de significação é um artefato social subordinado a conflitos de poder. O processo de criação é intenso, mesmo que a prática se condense, por terem de seguir a tradição:

Porque nós trabalhamos seguindo e respeitando a cultura dos índios, nós não modificamos nada, nós podia pegar a panela e bota dentro do forno e ficar longe da fogueira, não, a gente queima ali com a cara dentro da fogueira, tudo pra não quebrar a tradição, senão desvaloriza (PANELEIRA do galpão familiar).

A cultura também funciona como mecanismo caricato, pois não supera o modelo da representação. Existem imagens configuradas a grupos e as comunidades que trabalham com elementos da natureza. Uma das Paneleiras narra o que costumam ouvir dos turistas:

‘Pensei que vocês fossem aquelas mulheres bem velhinhas, acabadinhas’. E eles se espanta quando vê nós ali trabalhando. É minha filha também faz! Olha ela ali trabalhando. E vê a pessoa mais jovem, a pessoa mais nova... acha que é só velhinha que trabalha, que o velhinho morreu e acabou a panela (PANELEIRA do galpão).

Essa noção caricata também entra em discussão quando falamos dos ofícios e da sua valorização. O saber manual tem um preço. A representação e a uniformidade constroem imagens de modelos pré-estabelecidos de qual carreira profissional terá mais ênfase. As Paneleiras de Goiabeiras têm sua imagem veiculada por vários prêmios conquistados⁹ e pela importância do seu saber. Até que ponto essa imagem se traduz em condições de vida dignas para aquela comunidade e para a sustentabilidade de seu ofício? *A cultura não é apenas uma transmissão de informação cultural, uma transmissão de sistemas de modelização, é também uma transmissão de sistemas das elites capitalísticas exporem um mercado geral de poder* (GUATTARI, 2006, p.27). Nesse sentido, as narrativas dos professores ilustram suas experiências quanto à relação dos processos culturais dessa comunidade e os alunos filhos e netos inseridos nas escolas:

Algumas pessoas acham que a cultura é feia. Tem que ir se criando com as crianças a cultura que o que os pais e os avôs fazem é muito bonito! A gente tenta mostrar pros meninos daqui que são filhos dos catadores de caranguejo, que a moqueca se faz, que são filhos de quem faz as panelas de barro, que são filhos dessa cultura de que essa cultura é bonita, não se tem que ter vergonha de fazer panela de barro, você não tem que ter vergonha de ficar batendo a varinha, muito pelo contrário, isso é digno e muito difícil de fazer! (PROFESSOR de Educação Física da EMEF).

[...] muitas vezes existe até uma vergonha de pertencer a este grupo que é um grupo pequeno de pessoas, que estão sustentando uma atividade que não é só uma atividade econômica, mas que tem uma importância cultural muito grande também [...] (PROFESSORA de Arte da Escola Estadual).

A feitura das panelas não se modificou, no entanto, as Paneleiras, moldam a tradição, assim como moldam as panelas. Ou seja, se utilizam dessa tradição para resistir a um modelo dominante de vida. Por mais que a máquina capitalística tente capturar essa tradição, essa comunidade resiste, atualizando seu modo de encará-la:

A cultura do Espírito Santo é a panela de barro, o artesanato capixaba é a panela de barro, porque cada Estado tem sua cultura e seu artesanato e a panela de barro é a que representa o nosso Estado, fora e tudo. Você vê que nos ganhamos o diploma lá em Dubai! Vem muita gente de fora aqui, vem mesmo. Nós temos consciência, a gente sabe que nós somos Patrimônio Histórico. É uma coisa muito valorizada (PANELEIRA do galpão).

A narrativa acima elenca a categoria *cultura-mercadoria*, o terceiro núcleo de sentido, onde o objetivo da cultura aqui não é fazer teoria, mas produzir e difundir

⁹ Indicação Geográfica. A certificação protege os produtos de eventuais falsificações, garantindo sua procedência e aumentando sua competitividade e registro no livro dos saberes do ofício das Paneleiras como Patrimônio cultural do Brasil em 20/12/2002.

mercadorias culturais sem levar em consideração os sistemas de valor como do *sentido*
 A. Quem produz a cultura? Quais são as produções culturais capixabas?

A *cultura- alma* consiste em isolar o que chamamos de uma esfera da cultura, que por sua vez vai se opor a esfera do político, a esfera das relações estruturais. Dessa forma, Guattari salienta que a cada alma coletiva, povos, etnias, grupos sociais será atribuída uma cultura. E isso acaba sendo reforçado pela narrativa de uma das pedagogas:

É. Não pode ser uma coisa assim eu quero ou eu não quero, é a identidade deste lugar, é a identidade desta escola, então como não falar disso, a gente fala da identidade da criança como não falar dessa identidade social e cultural agora! (PEDAGOGA do CMEI).

Ou seja, a cultura pode se tornar um território obrigado de aspiração filosófica, com a pretensão de redefinir objetivos próprios. Porém esses territórios e dimensões não estão separados. Acompanhando a ideia da *cultura-alma* indagaríamos: As Paneleiras “fazem cultura”? Não nos interessa categorizações, por mais que as dicotomias e os binarismos queiram separar essas produções. Tanto a produção de bens, quanto a produção de sentidos estão articuladas à produção de relações sociais e isso fica claro nas narrativas cartografadas.

Cartografia, narrativas e atualização da tradição

Um ponto que merece destaque é a relação da valorização, do reconhecimento e da atualização da tradição pelas Paneleiras de Goiabeiras. São narrativas recorrentes das Paneleiras o sentimento de uma ausência de valorização, de um reconhecimento do que elas representavam para o Estado do Espírito Santo:

Eu acho que é a falta de reconhecimento pelos nossos governantes daqui, porque se eles reconhecessem mais o nosso trabalho, **que nós carregamos a cultura do Estado nas nossas costa, a cultura do Estado e do município em nossas costa eles valorizava mais** e apressava mais ali no serviço, no galpão [...] (PANELEIRA do galpão).

Se essa valorização não acontece localmente, ela encontra eco no exterior. A feitura das painéis não mudou na sua essência e por essa razão a comunidade é reconhecida internacionalmente¹⁰. Elas utilizam da tradição sem alterar o que as move:

¹⁰ Em 2010, as Paneleiras de Goiabeiras ganharam o certificado de Melhores Práticas do Prêmio Internacional de Dubai para Melhores Práticas para Melhoria das Condições de Vida, distribuído pelo Município de Dubai, dos Emirados Árabes Unidos e a Organização das Nações Unidas para os Assentamentos Humanos (UN-HABITAT). O ofício é o primeiro bem registrado como patrimônio imaterial e cultural pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (IPHAN), em 2000.

a feitura da panela de barro, pelas relações, pela política e até mesmo pela rede de poder e de comércio instaurada. Encontramos com Paneleiras que trabalham com carteira assinada em firmas de limpeza, outras que trabalham em escolas, assim como um casqueiro que também atuava como auxiliar de serviços gerais (ASG) de segunda a sexta no CMEI e que vai ao mangue nos fins de semana. Uma Paneleira fala sobre a dupla jornada: *Precisam, porque a renda pra ajuntar a renda, as vezes elas tão no galpão numa época que não tem movimento não tem encomenda, aí é necessário trabalhar em outro lugar pra fonte de renda e juntar as duas coisas.*

As Paneleira de Goiabeiras, diante de tantas premiações, mantêm a responsabilidade de não alterar a maneira de fazer as panelas. Com isso promovem o *agenciamento* a essa tradição, produzindo inúmeras variações sociais, econômicas, culturais e outras políticas de subjetivação que vão se instituindo em meio às transformações do presente. Essa *atualização da tradição* pôde ser cartografada através das narrativas dos membros dessa comunidade. Atualização aqui com sentido de diferença e não de repetição:

[...] a atualização tem por regras a diferença ou a divergência, e a criação (p.35). A atualização é, então, processo de diferenciação, cujo resultado não pode ser antecipado e que ocorre abrangendo fatores cognitivos e extra cognitivos, dentre eles, o afeto e o coletivo, pois não existe o sujeito aut centrado, existindo agenciamentos coletivos em meio às multiplicidades (CARVALHO, 2009, p.66).

Essa atualização acontece nas inúmeras relações que não são possíveis de captar nos agenciamentos dessa rede. Relações de diversificação na renda das panelas, na intensidade dos homens que fabricam as panelas pretas¹¹, já que, outrora, eram apenas as mulheres, nas oficinas que são mantidas pelo galpão ofertadas às escolas que as procuram, as orelhas (alças das panelas) que não faziam parte da tradição indígena, mas que foi sendo incorporada na feitura (é possível reconhecer uma panela pela orelha). Sobre a decoração das panelas, uma paneleira narra:

Não tem problema o desenho delas em cima da tampa ou na alça, **o problema nosso aqui é não mudar o jeito de fazer a panela, tá**, não queimar em forno, não fazer em torno, não usar outros métodos assim, tem que ser os mesmos métodos que aprendemos com nossas bisavós. (PANELEIRA do galpão, grifo nosso).

A queima, intitulada pelas Paneleiras, de fogueira, é uma das fases mais complexas da feitura das panelas. Numa temperatura de mais 600 graus, paneleiras e artesãos, ficam expostos ao calor extremo enquanto a panela atinge o ponto ideal para

¹¹ Nome dado a panela depois do processo da queima.

ser retirada e pigmentada pelo tanino. Acompanhamos duas queimas e percebemos a força de uma tradição de uma comunidade, como a questão da terceirização dos serviços por conta da saúde das paneleiras mais antigas. A queima é realizada em céu aberto e conta com os ventos e o tempo bom. Se começar uma chuva, pode-se perder todo trabalho de semanas. Outra paneleira fala da grandeza do ofício:

Quando a gente fala que é Paneleira, as portas abrem pras Paneleiras, às vezes o pessoal sai até oferecendo as coisas para comprar porque acha que Paneleira é rica mas se não trabalhar não tem dinheiro né? E mesmo porque a gente não tem patrão e a renda que a gente ganha é ótima, só a pessoa saber administrar e aí é um a porta de emprego que se abre!

As Paneleiras desenvolvem seu ofício de acordo com a finitude ou não do barro, do tanino e do próprio desejo de perpetuação deste ofício mantendo uma relação com o tempo que nos remete a ideia de geração. Questionadas do futuro do ofício, elas fazem a seguinte reflexão:

Quando eu vi a minha mãe fazendo eu dizia: Deus me livre não vou fazer panela aí ela dizia assim, “Você tem que estudar” Não faça não! E depois quando eu comecei a fazer panela, porque meu trabalho é esse e eu vou dar continuidade e gostei e minhas filhas viram e disse: Minhas filhas não vão fazer! E elas diziam não vamo. E aí fizeram. Todas três, sabem fazer. E agora minha neta eu não sei, porque não vou responder por elas, mas se botar o barro na mão delas elas sabem fazer! Por que pequenininha elas já sabiam fazer, agora eu vou lá saber o futuro delas!(PANELEIRA do galpão familiar)

Para comunidade das Paneleiras de Goiabeiras, a tradição é motivo de orgulho, ainda que o trabalho possa parecer árduo. Como narra uma paneleira: *Eu falo mesmo a verdade é uma tradição que eu gosto de fazer, e a maioria das Paneleiras tem estudo mas preferiram fazer a panela, ficar ali, manter a cultura, manter a tradição.* Esse desejo é reforçado com Guattari e Rolnik (2006, p.23):

Uma singularização existencial que coincida com um desejo, com um gosto de viver, com uma vontade de construir o mundo no qual nos encontramos, com a instauração de dispositivos para mudar os tipos de sociedades, os tipos de valores que não são os nossos. Há assim algumas palavras-ciladas (como a palavra cultura), noções-anteparo que nos impedem de pensar a realidade dos processos em questão (GUATTARI; ROLNIK, 2006, p.23).

Outra característica marcante é o compartilhar de *saberesfazeres*. O saber ali depende da troca com outro, pois é compreendido e incorporado. Este saber poderia ser uma mercadoria, uma forma de poder e manipulação, mas se torna potência a partir do momento que outros incorporam a tradição. Como narra uma paneleira:

Porque tá vindo direto um monte de pessoa nova né trabalhar com a gente e é uma coisa que eles podem tá aprendendo e botando em prática pra depois, porque aqui não quer só dizer que é só filha de Paneleira ou filho de Paneleira, mas se sabe fazer panela tem seu direito também de tá fazendo parte da nossa Associação (PANELEIRA do galpão)

Embora referimos como Paneleiras, existem homens envolvidos no processo da feitura da panela na Associação de Paneleiras de Goiabeiras (APG). Eles preferem ser chamados de artesãos, pois segundo eles *paneleiro* significa homossexual na língua falada em Portugal. Cerca de oitenta por cento das associadas são mulheres. As mulheres têm o comando da APG. Somente elas podem ocupar o cargo de presidente da Associação, mesmo que as decisões sejam coletivas. Assim:

[...] fazemos votos para que no contexto das novas distribuições das cartas da relação entre o capital e a atividade humana, as tomadas de consciência ecológicas, feminista, antirracistas etc. estejam mais prontas de produção de subjetividade – isto é, de conhecimento, cultura, sensibilidade e sociabilidade – que dizem respeito a sistemas de valor incorporal, os quais a partir daí estarão situados na raiz dos agenciamentos produtivos (GUATTARI, 1981, p.33).

Há ainda o crescimento imobiliário que tem sido sufocante, não só para as Paneleiras, mas como para outras populações de pescadores, marisqueiros, ribeirinhos, desfiadeiras que sobrevivem ou sobreviviam de seus processos culturais antigos de seus modos de pesca e artesanatos que estão sendo sufocados pelo crescimento imobiliário, pela própria ideia de progresso a custo do desenvolvimento, que visa atender ao *sistema maquínico capitalístico* e não a formulação de uma vida melhor. *É preciso, para isso, tolerar margens, setores de cultura minoritária – subjetividades em que possamos nos reconhecer, nos resgatar entre nós numa orientação alheia à do Capitalismo Mundial Integrado* (GUATTARI; ROLNIK, 2006, p.26).

Narrativas, educação, pesquisa e resistência

Nesse tópico, a opção por reunir as narrativas que mantinham uma relação imbricada com as escolas e os processos de resistência das Paneleiras de Goiabeiras e dos professores. Essa resistência também tomada pela cartografia na pesquisa em educação, como possibilidade de mudança, acolhimento, afetos, potência e antes de tudo, resistência à tristeza produzida pela *máquina capitalística*.

É esse o vírus que eu sugiro que você contraia
Na procura pela cura da loucura,
Quem tiver cabeça dura vai morrer na praia
(Djavan e Gabriel “O pensador”)

Uma das questões principais dessa cartografia era: a escola já questionou qual seria a ideia dessa comunidade e seus processos culturais nas redes do currículo? Quando eram questionadas sobre os *saberes-fazer*s produzidos nas escolas, algumas Panelleiras entendiam que os processos culturais da comunidade teriam a validade pela disciplina, pela força e obrigatoriedade no currículo. Como argumenta uma delas:

[...] porque o colégio não pode estar falando da panela, pedindo panelleira para levar o barro e fazer juntar aquela turma ali para vê fazendo ou trazer os alunos até o galpão eu acho que é falta de conscientização.... Será **que é preciso vir do MEC, lá da onde for escrito, que tem que passar isso assim e assim. Se os diretores fazer uma planilha ali que tal dia vai visitar as panelleiras, os coordenadores e os supervisor e os pedagogos fazer, os professores vão obedecer, né, porque o professor não vai fazer nada por conta dele porque tem uma direção que tem que obedecer...** (PANELEIRA do galpão, grifo nosso).

Mesmo diante de algumas narrativas que denotam esses processos culturais de forma não tão aparente na proposta curricular, grande parte das Panelleiras reconhecem a valorização do seu saber pelas escolas. Tanto elas, quanto os artesãos questionam o modelo curricular instaurado nas escolas, que não dá abertura a outros possíveis. Assim, narram a necessidade de se intensificar este trabalho:

Porque é a geração, depende muito, umas nem querem que os filhos nem chegue no galpão, outras não, mesmo estudando eles vão lá a tarde e ajudam e continuam fazendo panela e aprende o ofício, **é o saber popular que deveria estar na escola, inserido até no currículo escolar. Na Bahia em outros estados, existe o saber popular que tá ali, no currículo escolar** (PANELEIRA do Galpão).

Eu acho um incentivo muito bom dos professores, de uma certa forma tá incentivando a participar de uma tradição, com isso eles aprendem muito. O que falta é divulgação até... desde a formação do aluno. (PANELEIRA do galpão)

Desde o “prezinho” mesmo começar a divulgar o projeto. Conhece, mas pouco, porque sempre que eles querem informação de panela, eles me perguntam, então eu não sei porque que não pode ser sempre, mas quase todo ano eles me procuram para saber das panelas. (ARTESÃO do galpão)

Não sei se tem que mandar ou se é na época do folclore, aí eles têm que fazer o trabalho e já acha melhor das panelas porque já é típico mesmo do Estado, de repente pode ser isso, tem vezes que eles chamam o congo aqui. (PANELEIRA que atua em EMEF)

A força dessa tradição das Panelleiras de Goiabeiras nas escritas das narrativas nos potencializa a pensar o conceito de *máquina de guerra* contra a cultura capitalística não só imposta pelos currículos oficiais, mas controlado pelo Estado. Vale ressaltar que essa *máquina de guerra* possui uma natureza e uma origem diferente do aparelho do

Estado. É atravessada por devires, que podem desestabilizar o Estado, engajar e afirmar o desejo junto ao agenciamento social que não se fecha sobre uma forma de interioridade, que consiste em explorar movimentos de *desterritorialização* (DELEUZE; PARNET, 1998).

Diante de tal entendimento, duas questões se fizeram necessárias aos professores: qual o papel da escola frente aos processos culturais dessa comunidade? Existe um reconhecimento desses *saberes-fazer*es que atravessam o cotidiano da escola? Uma das respostas cartografadas permite pensar como acontece essa relação:

A escola precisa reconhecer a importância de ampliar esta relação, ela existe, mas é superficial, e invisível, invisibilizada, a escola como um todo reconhecer a importância deste trabalho e se planejar para atender esta demanda que é uma necessidade de permitir que a escola se insira efetivamente neste contexto (PROFESSORA de Geografia da EMEF).

A afirmação de que a escola precisa estreitar essa relação se amplia a outro ponto recorrente durante as entrevistas, nas escolas, nos galpões familiares e no galpão, a relação com o tempo. Era quase unânime que existia uma época de acionar, de divulgar e de se falar das Paneleiras. E essa época apresenta relação com o mês que se comemora o dia do folclore:

Eu já falei com o professor de marcar visita, mas ele disse que **não é época de fazer visita**. Isso é **mais no mês de agosto no folclore** (PANELEIRA do galpão familiar).

É na época do Folclore, quando vai chegando de maio pra lá junho ou vem aqui ou compra um argila ou convida alguém da Associação para participar lá na escola. Eu sei que tem alguns livros que mostram a panela de barro, mas no livro de história, alguns alunos vêm a panela de barro como história! (ARTESÃO do galpão).

Porque é assim eles só **se apresentam pra gente na época do folclore**, vai falar de Paneleira, vai falar sobre os índios, sobre banda de congo! (PANELEIRA do galpão familiar).

As escolas vêm, até mesmo a faculdade elas vêm e visitam bastante, só que elas visitam mais em época folclórica, fora isso eles visitam, vem passear, ver como é, mas é mais bem moderado, agora **quando é a época de falar mesmo da cultura**, aí vem bastante, o pessoal fica doidinho com as escolas, hoje mesmo já teve umas duas aqui (PANELEIRA do galpão).

Existe uma data, uma hora, um período de acionar a “cultura”? Se compreender que a vida, a escola, a cultura são como “coisas” separadas sim, isto é possível de se fazer. Para além, como agenciar os processos culturais à produção de uma sociedade que permita assegurar uma divisão social sem manter os indivíduos oprimidos ou categorizados pelas suas produções? Uma revolução molecular, uma abertura de um

outro modo de expressão, essa abertura de outras potencialidades que muda os modos de subjetivação coletiva. Os possíveis.

Felix Guattari (1981) lança a questão: qual será a resposta à crise ecológica a não ser em escala planetária com condição de uma revolução política, social e cultural reorientando os objetivos da produção de bens materiais e imateriais? Uma das respostas seria uma revolução, não só das relações de força visíveis em grande escala, mas também a dos domínios moleculares de inteligência e de desejo.

A tentativa de uma produção cartográfica na pesquisa promove agenciamentos a educação. Os *saberesfazeres* implicados nas narrativas desses personagens revelam intenções, fluxos, desejos e sonhos da comunidade das Paneleiras de Goiabeiras, assim como dos professores que atuam nesse território. As conexões entre os movimentos de resistência, bem como os agenciamentos de currículos aliados aos processos culturais apontados pelas Paneleiras promovem *processos de subjetivação singularizantes*. Uma nova forma de subjetividade é requerida, pois não será de forma espontânea que as modificações desejadas vão se constituir. Recuperar as forças para resistir, não repetir o que já está dominante, criar movimentos outros, ou encontrar a chave dessa cela e devorar o problema como na música...

Se souber confiar no seu critério

Nada a temer

Brigue para obter o melhor

E já sem a corda no pescoço, sem as grades na janela

E sem o peso das algemas na mão

Eu encontrei a chave dessa cela

Devorei o meu problema e engoli a solução

Nada a temer

(Djavan e Gabriel “O pensador”)

Referencias

BARROS, Manoel. **Memórias inventadas**: a segunda infância. São Paulo: Planeta do Brasil, 2006.

DELEUZE, Gilles; PARNET, Claire. **Diálogos**. 1. ed. São Paulo, SP: Escuta, 1998.

DRUON, Maurice. **O menino do dedo verde**. 14. ed. -. Rio de Janeiro: J. Olympio, 1975.

GUATTARI, Félix. **Revolução molecular**: pulsações políticas do desejo. São Paulo: Brasiliense, 1981. 229 p.

GUATTARI, Félix. **As três ecologias**. Campinas, SP: Papirus, 2012.

GUATTARI, Félix; ROLNIK, Suely. **Micropolíticas**: cartografias do desejo. Petrópolis, RJ: Vozes, 1996.

PASSOS, Eduardo; BARROS, Regina Benevides de. Por uma política da narratividade. In: PASSOS, Eduardo; KASTRUP, Virgínia; ESCÓSSIA, Liliana da (Org.). **Pistas do método da cartografia**: pesquisa-intervenção e produção de subjetividade. Porto Alegre, RS: Sulina, 2010. p. 150-171.

VIANA, D.; PENSADOR, G. **A Carta**. Bicho Solto. Rio de Janeiro: Sony Music, 1998.